



O Mito na Narrativa Jornalística: O Processo de Mitificação da Ave Sangria no Jornal do Commercio¹

Artur Onyaiê Gonçalo do Nascimento²

RESUMO

Este trabalho propõe uma apreciação da produções de sentidos nas narrativas míticas utilizadas pelo Jornal do Commercio no que concerne à veiculação de notícias relacionadas à banda Ave Sangria no período de 1999 até 2002. O artigo pretende observar como as narrativas contribuíram na construção e legitimação da mitificação da banda, apontando as possíveis consequências no cenário da produção cultural contemporânea no Recife.

PALVRAS-CHAVE: narrativa; mito; Ave Sangria; Jornal do Commercio.

TEXTO DO TRABALHO

Narrativa míticas e jornalismo

Desde meados do século XX, autores como Hayden White, Lawrence Stone, Roland Barthes e outros já discutiam a questão da apropriação e expropriação da narrativa nos campos dos estudos sociais. Num momento marcado pelos resquícios da razão e objetividade científica do século XIX, se faz notório o esforço de intelectuais que objetivavam institucionalizar os seus estudos, numa incessante tentativa de lhes conferir um caráter mais científico. Por ser uma atividade transido pela narratividade, prática inerentemente humana, era refutada por não conceder resultados “cientificamente” exatos.

Ao tratar da narrativa, Lawrence Stone explica:

A narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de sequência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo sub-tramas. A história narrativa (...) é mais descritiva do que analítica, e seu enfoque central diz respeito ao homem, e não às circunstâncias. Portanto, ela trata do particular e do específico, de preferência ao coletivo e ao estatístico. (1973, p. 1).

¹ Trabalho apresentado no XIV Congresso Ciências da Comunicação na Região Nordeste dentro do GP Jornalismo Impresso do DT 1 (Jornalismo), realizado de 14 a 16 de Junho de 2012.

² Historiador. Especializando em História do Nordeste pela Universidade Católica de Pernambuco, email: arturonyaie@hotmail.com



Já Rayden White (1980) comparar a narrativa a uma espécie de meta-código humano universal, que molda a realidade em estruturas de significados trans-históricas e transculturais, facilmente reconhecíveis e assimiláveis pelos indivíduos. Traduzindo o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo, a narrativa descreve cronologicamente a partir uma sucessão de estados de transformação e a enunciação destes, engendram sentidos e discursos aos nossos atos.

Quando se trata da narrativa dentro questão midiática, podemos classificá-las como fáticas e fictícias. As primeiras englobam as notícias, documentários, reportagens e etc.; por fictícias compreendem-se filmes, novelas, comerciais de TV e etc. Quando Luiz Gonzaga Motta discorre sobre a produção de sentidos em torno desta narrativa midiática, ele afirma que:

jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido. (2005, p. 91).

É dentro destes segmentos discursivos que também encontram-se conhecimentos sobre as relações humanas, identidades, crenças, mitos e etc. Sendo assim, a partir destes discursos midiáticos não aleatórios, é possível realizar análises críticas a fim de compreender os efeitos e sentidos emanados por estas narrativas. E é nestas narrativas jornalísticas que busco elementos que induzem o erigir de sentidos míticos em torno da banda Ave Sangria.

Em 1975, o professor de jornalismo James Carey já apontava a atividade jornalística como produtora e receptora sentidos objetivos e subjetivos. Desta maneira de acordo com Flávia Dourado:

As notícias deveriam ser compreendidas como sistemas simbólicos; mais que ensinar algo novo, elas representariam e reforçariam visões particulares de mundo, contribuindo para a conformação e organização de um edifício cultural ordenado e único. (2010, p. 2).

No *Media, Myths and narratives: television and the press*, os organizadores Elizabeth Bird e Robert Dardene se debruçam sobre a narrativa mitológica inseridas no contexto jornalístico, onde afirmam que, na contemporaneidade, as notícias têm uma similaridade com os mitos nas sociedades arcaicas, visto que:

codificam as informações sob a forma de histórias; se referem ao particular para representar o universal; atribuem significados simbólicos aos fatos; explicam a nossa



condição no mundo; normalizam valores; e unificam as pessoas em torno de uma matriz comunal de sentidos. (DOURADO, 2010, p. 2).

Mais a frente, Jack Lule expõe um comparativo entre notícia e mito, afirmando que as notícias são herdeiro legítimas de mito, pois: “elas partilham crenças, medos e angústias, ajudam o homem a dar sentido a seu tempo e a seu mundo e delineiam os contornos normativos indispensáveis para a preservação da ordem social” (DOURADO, 2010, p.2).

Ainda me baseando nas ideias de Dourado (2010), penso não limitar este trabalho apenas à análise crítico-ideológica, que pensa os mitos como uma maneira de gerar uma conformidade social. Penso ampliar esta perspectiva analisando a contribuição das narrativas jornalísticas na construção dos mitos por uma perspectiva de análise da construção da imagem do artista. No caso deste artigo, pretendo analisar como as narrativas midiáticas também têm o poder de engendrar sentidos subjetivos; no caso da banda Ave Sangria, sentidos míticos. Contudo, antes de elaborar a análise, trarei um pouco da história da Ave Sangria.

Ave Sangria, os *Rolling Stones* do Nordeste.

Com o lema *Abrir os portões do teatro e as portas da percepção*, a I Feira Experimental de Música do Nordeste, acontecia no teatro de pedra de Nova Jerusalém, em Novembro de 1972. Com a entrada franca, a produção do festival tinha o intuito de “ouvir o som do cara que toca berimbau no mercado de São José também no som de Laílson, com uma guitarra que mais parece uma central elétrica”. (FEIRA EXPERIMENTAL DE MÚSICA DO NORDESTE, 1972 apud TELLES, 2000, p. 152).

Este “Woodstock nordestino” foi terminantemente categórico na abertura de espaço para a congregação de músicos que estavam dispersos no Recife e que buscavam ampliar os horizontes musicais. Dentre estes músicos estavam Lula Cortes, Marconi Notaro, Phetus, os músicos do futuro Tamarineira Village, Marco Polo e entre outros. Bem como a proposta do festival, estes artistas, em sua grande maioria, tinham a ideia de produzir uma música aberta às referências do rock estrangeiro e das especificidades das músicas produzidas no Brasil e, inclusive, em Pernambuco. Em vista disso, o evento foi responsável por engendrar várias parcerias e grupos musicais que dariam ao Recife uma movimentação musical distinta, compostas por uma linguagem pop lisérgica acompanhada de texturas psicodélicas, distorcidas, e carregada dos sotaques brasileiros. Como resultado destas parcerias, pode-se citar os discos Satwa, resultado da união de Lula Côrtes e Laílson; o disco Paêbiru, fruto da



união de Lula Côrtes e o músico paraibano Zé Ramalho; e o disco da banda Ave Sangria – banda da qual farei uma análise mais pormenorizada –, que se tornou bastante afamado quando se refere à história do Rock em Pernambuco.

Ainda anônima e de maneira bastante espontânea, a banda Tamarineira Village – futura Ave Sangria –, se reuniu pela primeira vez na supracitada Feira Experimental de Música do Nordeste. Lá, recém chegado do sudeste, o poeta e vocalista Marco Polo Guimarães se integra a Almir, Ivinho, Agrício, Bira e Rafles.

Não tardou muito para que as apresentações do grupo chamassem a atenção do público. Segundo José Teles, a banda conquistou um séquito de fãs devido ao formato diferenciado dos seus shows, uma maneira que a cidade não estava acostumada. (2000, p. 156). Além do formato não convencional dos shows, as músicas da banda também traziam algo de curioso: “tanto poderia ser um rockão com solos ensandecidos da guitarra de Ivinho, quanto poderia ser um chorinho movido a cavaquinho e bandolim. As incursões de Marco Polo pela poesia deixaram-lhe marcas que ele agora passava para sua música”. (TELES, 2000, p. 170).

Os burburinhos em torno da banda contribuíram ainda mais na sua notoriedade, fazendo com que o seu prestígio tomasse Nordeste afora. Segundo Marco Polo, o vocalista da banda, durante uma dessas viagens pelo Nordeste, eles encontraram com uma cigana que sugeriu a mudança a mudança de nome da banda para Ave Sangria, pois sua música era livre e forte. (TELES, 2000, p. 171). A mudança do nome também será escopo deste artigo, pois há algumas controvérsias no assunto em questão.

Através do empresário dos Novos Baianos, a gravadora Continental convida a Ave Sangria para fazer parte de seu quadro de bandas e, por conseguinte, a Ave Sangria ruma ao Rio de Janeiro para gravar o LP Ave Sangria. A gravadora Continental estava realizando experimentos mercadológicos no que tange grupos de rock e o consumo no Brasil, onde a Ave Sangria fazia parte destas experimentações. Por se tratar de uma experiência mercadológica, a gravadora, por medo de perder grandes investimentos, limitava ao máximo os recursos liberados à produção das bandas, muitas vezes dificultando o próprio processo de produção. No caso da banda recifense não foi diferente. Em entrevista, o guitarrista Paulo Rafael trata um pouco deste ponto:



A gente foi produzido por Marco Antonucci... por aí você vê, neguinho não entendia direito. A gente estava com outro tipo de mensagem, era um outro tipo de música, que depois virou o alicerce da música nordestina, aquela mistura do rock com os ritmos daqui que a gente tava fazendo. Só que a gente era bobo demais para fazer uma coisa com mais cabeça. E foi uma loucura porque o cara não entendia nada... Então não tinha nenhuma idéia do que iria fazer com a gente, foi deixando as águas rolarem, poderia ter tirado muito mais coisas pra esse disco e não tirou. (TELES. 2000, p. 172).

Não obstante, mesmo com orçamento reduzido e pouco interesse da imprensa, o disco tem uma vendagem relativamente boa, chegando a décimo lugar nas paradas das rádios de algumas cidades. A música mais da banda nas rádios era a “Seu Waldyr” que, da maneira bem humorada e despojada, versa sobre a paixão de um jovem por um homem mais velho. Não levou muito tempo para que a música, apesar de bem recebida pelo público, criasse mais polêmica em torno da banda. Todavia, outros consideraram a música uma imoralidade e um atentado aos bons costumes da capital pernambucana, logo sendo condenada pela censura ditatorial. Mesmo voltando às lojas sem a faixa censurada, os músicos tinham pouquíssimas motivações para continuar tocando, já que não tinham retorno financeiro e a esperança de um impulso para banda a partir do disco arrefeceu.

A necessidade de uma fonte de renda, a falta de uma infra-estrutura plausível para a sustentabilidade da banda e o assédio dos músicos por parte de Alceu Valença sucedeu o que já era previsível; a desarticulação da banda motivada por uma série de necessidades inexoráveis ao bem estar artístico e social dos membros. Em entrevista a José Teles, Marco Polo desabafa sobre o fim da banda:

Era uma porção de caras pobres, alguns já com filhos, que haviam largado tudo, emprego, o escambau, para se dedicar à música. A gente ensaiava várias horas, todos os dias. Ninguém havia ainda visto grana, a esperança era o disco. Com a proibição, o grupo perdeu o pique. (TELES, 2000, p.175).

Uma questão que vale a pena salientar é que, não obstante o término das atividades musicais da Ave Sangria, a sua obra e o seu prestígio permaneceram vivazes, não sendo difícil de encontrar declarações de valorização à memória da extinta banda. Na imprensa, nos sebos, bandas, nos movimentos musicais, livros e na internet é possível identificar estas manifestações de grande apreço à banda, onde muitas vezes é considerada um mito dentro da



história do rock em Pernambuco e no Brasil. E foi a partir dessas manifestações que surgiu a interesse de se estudar alguns eventos que contribuíram na construção deste mito.

A mitificação.

Para realizar tal análise, utilizei o periódico *Jornal do Commercio*, observando o período de Agosto de 1999 até Dezembro de 2002, momento que corresponde à divulgação de relançamento do único disco da banda e a matéria sobre a repercussão da banda em um programa na rádio local. As notícias concentradas neste período serão analisadas como unidades nucleares na formação de uma grande narrativa, pois: “Cada notícia relata uma ou mais ações e o conjunto destas ações gera reações em cadeia similares à estrutura de sintaxe da narrativa literária”. (MOTTA, 2003, p. 93).

Na coluna *Toques* de 25 de Agosto de 1999, uma pequena nota com o título de *A volta da Ave*, José Teles, crítico musical do *Jornal do Commercio* e autor do livro *Do Frevo ao Manguebeat*, anunciava o relançamento do disco da banda Ave Sangria no mercado. Na nota ele afirmava:

Finalmente o primeiro e único LP da Ave Sangria recebe sua versão à laser. Marco Polo, o líder do grupo, e Rodrigo Teixeira, conseguiram junto à Warner (que adquiriu o catálogo da Continental) os direitos do fonograma para uma edição limitada (mil cópias) do discão. (25/08/1999)

A partir daí observa-se certa estima por parte do jornalista, visto que considera o produto fonográfico um “discão”. O trabalho do crítico musical é uma forma de comunicação híbrida, pois julga numa tentativa de descrever ao público uma sonoridade musical e, desta maneira, desempenhando um papel importante no que concerne a produção de sentidos diante da experiência musical. Simon Frith conta que:

O crítico é, neste aspecto, um fã (a maioria dos críticos de rock começam em fanzines; a maioria é, certamente, colecionador), com a missão de preservar a uma qualidade de som percebida, para salvar os músicos deles mesmos, para definir a ideal experiência musical para os ouvintes (...). (1996, p.66).

O mesmo José Teles, no dia 1 de Outubro do mesmo ano traz uma matéria sobre a banda, onde inicia o texto desta maneira:



Eles usavam batom, beijavam-se na boca em pleno palco, faziam uma música suja, com letras falando de piratas, moças mortas no cio. E eram muito esquisitos; "frangos", segundo uns, e uma ameaça às moças donzelas da cidade, conforme outros. Estes "maus elementos" faziam parte do Ave Sangria, ex-Tamarineira Village, banda que escandalizou a Recife de 1974, da mesma forma que os Rolling Stones a Londres de dez anos antes. Com efeito, ela era conhecida como os Stones do Nordeste. (01/01/1999).

Essa preocupação incitar os burburinhos e a fama de *bad boys* resultou em uma associação da Ave Sangria aos Rolling Stones, ficando conhecida como os “Rolling Stones do Nordeste”, devido o semelhante impacto causado pelos grupos e o conservadorismo de suas respectivas cidades – Recife e Londres. Peter Burke faz algumas considerações quando se trata de analogias de personagens e a construção de mitos, onde ele afirma que:

O elemento central para a explicação desta mitogênese é a percepção (consciente ou inconsciente) da existência de uma “parecença”, em algum aspecto ou aspectos, entre um indivíduo particular e um estereótipo corrente de herói ou de malandro - governante, santo, bandido, bruxa, etc. Esta “parecença” estimula a imaginação das pessoas e começa a circular histórias acerca do indivíduo em questão, oralmente a princípio. No decorrer desta circulação oral, o mecanismo normal da distorção estudado pelos psicólogos sociais como levelling e sharpening entra em ação. Estes mecanismos ajudam à assimilação da vida de um indivíduo determinado a um certo estereótipo retirado do repertório de estereótipos presentes na memória social de uma dada cultura. (2000, p. 79-80).

A figura da Ave Sangria parece ir de acordo com o pensamento de Burke, porém trajado num estereótipo miscigenado de herói e malandro, visto o valor dado à banda na manifestação da música Pop em Pernambuco e, por outro lado, a imagem de “maus elementos”, “frangos” e “ameaça às moças donzelas da cidade”.

Ainda no mesmo texto, Teles traz um depoimento de Marco Polo, vocalista do grupo, sobre a mudança do nome da banda, de Tamarineira Villagge para Ave Sangria.

A mudança do nome aconteceu quando o grupo passou a ser convidado para apresentações em outros Estados. Os músicos cansaram-se de explicar o significado de Tamarineira Village. O Ave Angria, segundo Marco Polo, foi sugestão de uma cigana amalucada, que encontraram no interior da Paraíba: ‘Ela gostou de nossa música e fez um poema improvisado, referindo-se a nós como aves sangrias. Acharmos legal. O sangria, pelo lado forte, sangüíneo, violento do Nordeste. O Ave, pelo lado poético, símbolo da liberdade do nosso trabalho’. (01/10/1999).



Este relato poético para a alteração do nome provoca bastante o imaginário do leitor, uma vez que: “A fala sobre o mito é sempre poesia, é ela que dá sentido ao mito, este tem sempre uma razão, uma certa racionalidade. Ambos os pensamentos, o racional e o mítico, são expressos pela linguagem, por esta razão estão sempre contaminados.” (GARCEZ, 2008, p. 3). Outrossim, outro fator que chama a atenção é que o próprio vocalista do grupo, em uma entrevista informal postada no Youtube, conta: “Ah, essa foi uma estória também inventada, para explicar o nome Ave Sangria (...), mas na verdade é uma lendazinha que a gente criou”. (POLO, 2007.).

No *Em Cartaz*, caderno que traz a programação cultural do fim de semana, do dia 1 de Outubro, divulga o show de comemoração de 25 anos do lançamento do disco da banda Ave Sangria. O que me levou aos trabalhos de Nelson Traquina, pois o ato de rememorar e criar efemérides a partir das notícias é um fenômeno bem comum no jornalismo, “o próprio fator tempo é utilizado como gancho para justificar falar de novo sobre o assunto” (TRAQUINA, 2005, p. 81). Desta maneira, o presente é conectado ao passado trazendo alguma forma de nova informação, evitando, deste modo, a saturação.

Mais tarde, também comparando a Ave Sangria ao mito da fênix, Marcos Toledo grafa sobre a volta de outra banda de rock dos anos 70 do Recife, a Aratanha Azul. “Depois da Ave Sangria, que comemorou 25 anos do surgimento no ano passado com um show memorável, outro ‘pássaro’ da música pop pernambucana dos anos 70 renasce, tal qual o mito da fênix”. (04/11/2000).

Com o lançamento do livro *Do Frevo ao Mangubeat* – que per se já merece uma análise pormenorizada de sua narrativa mitológica que, infelizmente, não cabe na proposta deste artigo –, José Teles consegue compilar diversos momentos da história da produção musical em Pernambuco com, inclusive, alguns capítulos dedicados aos anos 70 e à história do grupo Ave Sangria. Com isto, Teles se torna referência, pois sua escrita enterra a Ave Sangria no túmulo da história e, concomitantemente, preserva e nutre a memória da banda, produzindo sentidos e menções de apreço pela contribuição do grupo para a música pop no estado.

Em 2001 a banda retorna aos palcos no Dokas; contudo, o autor de *Do Frevo ao Mangubeat* critica este momento, uma vez que: “Esta volta aos palcos do Ave Sangria, com um único elemento original, está servindo apenas para detonar a aura mítica da banda” (TELES, 2001). Mesmo assim, o jornal divulga uma nota no dia 26 de Janeiro e parece ter



atentado bem às transformações no que concerne à banda, já que ele afirma: “A banda Ave Sangria virou um mito na música pop pernambucana”. (JORNAL DO COMMERCIO, 2002). A menção à banda se fez devido ao sucesso do programa comandado por José Teles, *Do Frevo ao Maguebeat*, na Rádio Universitária.

Posteriormente, já em 30 de janeiro, o próprio Teles escreve sobre o programa e, sem titubear, intitula a matéria: “Ave Sangria, confirmação do mito ao vivo.” (30/01/2002). O sucesso de audiência compõe o corpo da matéria, onde, mais uma vez, confirma a sua contribuição do para a mitificação da banda.

No especial foi tocada a gravação do derradeiro show da banda, realizado em 29 de dezembro de 1974, no Teatro Santa Isabel. Os dois, Almir e Rafles, contaram histórias do grupo e comentaram esse canto de cisne do Ave Sangria, que lotou dois dias seguidos o velho teatro. A audiência obtida pelo programa (num horário ingrato, das 22h à meia-noite), com meia centena de ligações de ouvintes (alguns, mal o programa começou, queriam saber se a gravação viraria disco ou se o especial seria reprisado), comprovou o status de mito que o Ave Sangria, que não existe há 28 anos, desfruta em Pernambuco. (TELES, 2002).

Ao tratar do derradeiro show, passa-se uma ideia de fim, de morte da banda; todavia, também exprime-se aí um caráter simbólico, pois a morte:

estimula seu renascimento, pois o reconhecimento da importância de sua vida e de suas ações, naturalmente maximizadas nos rituais fúnebres, funcionam como um rico adubo que fertiliza o solo cultural sobre o qual brotarão as novas gerações, oferecendo assim as imagens primordiais, e por isso mesmo fantásticas, mas necessárias para o surgir e o desenvolver das potencialidades artísticas. (VARGAS, 2006, p. 163).

Conclusões

A partir de uma breve análise destas narrativas, foi possível perceber a importância do jornalista e do periódico no que tange à construção mitológica da banda Ave Sangria no imaginário popular. As narrativas revelam a presença de estruturas que, inconscientemente, ou não, atuam na construção de sentidos e na edificação da figura mítica do grupo.



Desta forma, estas construções são predominantemente importantes na configuração atual da banda Ave Sangria, porquanto o cenário contemporâneo do rock produzido em Pernambuco e a recorrência com que a banda Ave Sangria é tida como referência mítica no que concerne à música e a década de 70 no Recife. De modo que a menção ao mito está no audiovisual, nos trabalhos acadêmicos, nas matérias jornalísticas, livros e na internet. O mito é dinâmico, adquire novas formas, resistindo ao tempo e perdura nas narrativas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert (1988). Mito, registro e histórias: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p. 263-277.

_____. (2009). Rethinking news and myth as storytelling. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. **The handbook of the journalism studies**. London: Routledge, 2009. p. 205-217.

CAREY, James (1975). **A cultural approach to communication**. In: CAREY, James. *Communication as culture: essays on media and society*. Winchester: Unwin Hyman, Inc, 1989. p. 13-36.

DOURADO, Flávia (2010). **Jornalismo e narrativa mítica: do ideológico ao imaginário**. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, XI, 2010, Novo Hamburgo. Anais eletrônicos... Disponível em < <http://www.intercom.org.br>>. Acessado em 28 de Abril de 2012.

GARCEZ, Luciane (2008). **O Mito, O Herói, O Artista**. Revista Ohun, Salvador, n°4, p.84-99, dez., 2008

LULE, Jack (2001). **Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism**. New York: The Guildford Press, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga (2003). **Narrativa jornalística: a história de Lula contada pelos jornais espanhóis**. Revista Famecos, Porto Alegre, n°21, p. 90-110, ago., 2003.



TELES, José. **Do frevo ao manguebeat**. Rio de Janeiro : Editora 34, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. V. II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VARGAS, Antônio. **A influência do mito do herói na aceitação das práticas artísticas**. IN: CONCINNITAS. Ano 7, volume 1, número 9, julho 2006.

WHITE, Hayden (1980). The value of narrativity in the representation of reality. **Critical Inquire**. vol. 7, n. 1, p. 5-27, autumn, 1980.

YOUTUBE. **Marco Polo Guimarães (Ave Sangria) – Entrevista**. 2008. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=yeWf7OsItFU>>. Acessado em 28 de Abril de 2012.